

Enxoval de campanha

Eleição Presidencial

WILSON FIGUEIREDO

Se a ocasião até hoje faz o ladrão, não custa a sucessão presidencial, no que lhe compete, providenciar candidato desde antes. Machado de Assis, por intermédio do seu porta-voz mais autorizado, o conselheiro Aires, retificou o provérbio: "A ocasião faz o furto; o ladrão nasce feito." A ocasião também faz a sucessão; o candidato já vem pronto.

Sucessão presidencial dispõe do mandato alheio, do primeiro ao último dia. Como nas sessões do velho Cineac Trianon, começa quando o candidato entra em cena. Está aí a sucessão? Ainda não, mas é como se estivesse. Com a política não se brinca. Tem o mesmo impulso da natureza diante do vácuo e trata de preenchê-lo antes que outro lhe passe à frente. Em janeiro o governo parou. É assim mesmo a democracia. Sempre que um governo começa, já tem pretendentes de olho. Não deixa de ser reserva de mercado, e legítima.

Diante do real em queda (digamos) livre, a indecisão oficial teve o efeito de vácuo e gerou a primeira hipótese. Mas houve exagero oficial na insinuação de que Itamar Franco queria ir para o lugar de Fernando Henrique. Não era só ele. Há outros namorando a presidência e preparando o enxoval de campanha. O erro político foi dar exclusividade ao governador de Minas quando o de São Paulo está na mesma situação, embora com outros meios. Grandes estados, maiores ambições.

Não sobrou para Lula, que aproveitou a confusão inicial para se deslocar de leve para o lado oposto. E a direita, como fica? Calculista por natureza histórica, reserva-se para melhor oportunidade. Há tempo de sobra. Quando a economia vai mal, a sucessão passa a ir bem.

Em termos, porém. Nem crises se sustentam indefinidamente, nem candidaturas expostas agüentam esperar o mandato inteiro. Uma vez deflagrada, fica difícil fazê-la recuar. Assim, melhorou a economia, piorou a sucessão. Todos respiram aliviados.

A sucessão parecia a caminho da rua, mas não passou do desfile de apresentação, aqueles dos carros de corrida antes da largada na Fórmula Um. O primeiro lance da temporada extra ofereceu o que estava ao alcance: enquanto o governo via apenas a crise, o eleitor olhou mais longe. E, mais longe, só viu a sucessão. Oposição e governo se preocupam com candidaturas obrigadas a resistir ao tempo excessivo para candidaturas.

O governo se valeu de terceiros para largar com displicência o nome do seu ministro da Fazenda como hipótese eleitoral no mercado futuro. Não impressionou, mas ajuda a confundir competidores. Embora a História não goste de se repetir, Fernando Henrique era ministro da Fazenda e chegou à presidência (da primeira vez) por escolha pessoal de Itamar Franco. Não custa botar hipótese na rua.

Não existindo horário de sucessão, como se faz com o verão, não é obrigatório adiantar de quatro anos o relógio. Bastam dois para ocupar os suspeitos de sempre, os candidatos que negam a hipótese (enquanto for apenas hipótese, claro).

Itamar Franco se beneficiou da denúncia de agir na crise como candidato, mas quem tirou proveito (por fora) foi o senador Antônio Carlos Magalhães, nunca citado como candidato enquanto amealha capital de giro eleitoral na larga faixa onde vai e vem a classe média. Estrilou contra Itamar no plano federativo, engrenou declaração a favor da reforma agrária e, por

último, vocalizou o ressentimento pequeno-burguês com a Justiça. O moralismo em ascensão política e social, com tanta *antecedência*, vai acabar fazendo de ACM um daqueles candidatos natos que ficam sem condições de recusar a oportunidade criada por eles. A CPI dos abusos judiciários vale por investimento eleitoral capaz de construir várias usinas de votos.

Outras hipóteses para a sucessão – como Fernando Collor, que motivou politicamente da outra vez a parcela da classe média que o real trouxe para o mercado de consumo – ficarão prejudicadas pela arrancada de ACM. Afinal, o PFL pode pensar em candidatura própria.

O primeiro nome denunciado como candidato foi Itamar Franco, mas por conta do eterno desencontro entre o ex-presidente e o presidente reeleito. A longa história mereceria ser contada desde o começo, mas fica suficiente a partir da eleição de Fernando Henrique. O papel do ex-presidente foi decisivo para o ministro aceitar. Os áulicos espalham que Itamar considerou a eleição de Fernando Henrique empréstimo e quis a devolução, mas a reeleição lhe tirou a paciência de esperar.

Uma vez eleito, o presidente tratou de captivar o antecessor mas com o cuidado de mantê-lo à distância. Portugal, Estados Unidos. Repetiria de bom grado a fórmula no segundo mandato, mas o PMDB, para agradar o presidente, recusou Itamar como candidato à sucessão presidencial. Botou tudo a perder. Itamar Franco foi completar com o título de governador de Minas o que lhe faltava. O presidente retirou, com mão invisível, Newton Cardoso do caminho para o Palácio da Liberdade. Mas no fundo preferia ter Itamar em missão em outra parte do mundo. Por perto, Itamar é risco.